



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

UM HOMEM DESCONFIADO

/// Por LEONOR DE CAMPOS ///

O tio Mateus é muito desconfiado. Não admite gracejos, nem brincadeiras.

Vive aqui perto, numa casa pequenina, com um quintalão que éle próprio trata e cultiva.

Todos os dias, depois de almoço, vou sentar-me na varanda. E dali, encoberta pelas trepadeiras, entretenho-me, durante algum tempo, a observar e a ouvir o tio Mateus.

E digo-lhes, meus amiginhos, que é um passatempo interessante.

Aparece um conhecido e cumprimenta-o:

— «Boa tarde, tio Mateus!...»

O homenzinho resmunga:

— «Bó tarde...»

E ainda o outro não vai longe, já éle está a falar sózinho:

— «Maçador!... Vai pentear macacos!... Boa tarde, boa tarde!... Éstes espantalhos nem deixam a gente sossegada!...»

Mas se passa um que o não cumprimenta, o tio Mateus não se cala:

— «Eh!... Aquele se calhar safu-lhe a taluda!... Já nem fala à gente!...

Ora o espantalho!...»

Se está a sacher e a terra lhe parece dura, o tio Mateus desespera-se:

— «Espantalho de terra!... Vais ou não vais? Ai os meus pecados. E este espantalho do sacho, que não sacha nada!...»



Foge-lhe uma galinha e lá vai o tio Mateus a correr atrás dela e a gritar:

— «Aqui!... Aqui!... Anda cá, espantalho!... Tu não ouves, bicharoca?»

E assim passa o tempo o tio Mateus, sempre a resmungar, sempre mal humorado, desconfiado de toda a gente e a tudo chamando espantalho!...

Vocês fazem idéa da triste vida que o homem leva e de como é divertido para os outros, espreitar o tio Mateus!...

As pessoas, neste género, são sempre ridícula se disfrutáveis.

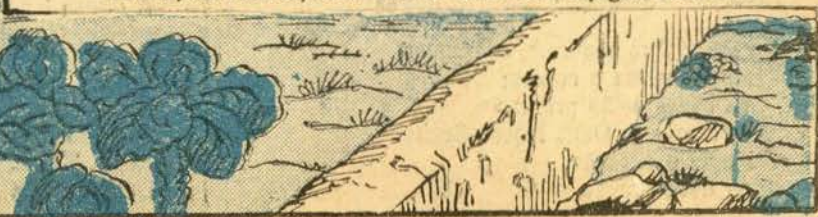
Não há nada melhor do que ser alegre, bem disposto e aceitar a vida tal qual é, sem andar sempre a queixar-se, nem a resmungar. Não é verdade?

Ora ontem passou-se com o tio Mateus um caso interessante:

Andava éle na sua faina, a tratar da horta, quando passou na estrada o Joaquim da Silvéria, que tem mercearia na vila.

Vi o tio Mateus e parou junto ao muro baixo, para palrar um pouco.

— «Eh lá, tio Mateus, essas couves estão bem espigadinhas?...»



— «Podiam estar piores!...» — resmungou este.
 — «Não há dúvidas!... Mas também podiam estar melhores!...»
 E o Jaquim deu uma gargalhada, divertido com o mau humor do outro.
 Então, o tio Mateus, endireitou-se e replicou zangado:
 — «Tu não tens que fazer, meu espantinho? Áia daqui!... Vai trabalhar!... Senão amando-te com uma pedra que te racho a cabeça de meio a meio!...»

O Jaquim até sufocava a rir. Mas, como visse o tio Mateus baixar-se para apanhar a pedra, achou mais prudente fugir-lhe. E a correr, ia gritando:

— «Não vale zangar, fiel amigo!... Adeus, fiel amigo!...»

O tio Mateus ainda atirou com a pedra, que não acertou no alvo. E em seguida, a suar por todos os poros, com a raiva que lhe fizera a troça do Jaquim, sentou-se no muro a comentar, muito alto:

— «Ora o espantinho do homem, hein? Que tal? Dizer que as minhas couves estão espigadas!... E, por fim, aquelas risadas de doido: «Adeus fiel amigo!» Fiel amigo?!... Mas que diabo queria ele dizer com aquilo!... Fiel amigo, chama-se ao bacalhau!... Ora espera: o bacalhau... o bacalhau... que a mãe dele me vendeu na semana passada, estava estragado... e eu disse-lhe que era bom para cães. Para cães, quer dizer, para os bichos que nos guardam a casa. Ora se nos guardam a casa é porque há ladrões. Ladrões?! Esta agora! Querem ver que?... Não há dúvida! O patife do Jaquim chamou-me ladrão!... Ah! Mas isto não fica assim!... Vou já à loja da Silvéria, queixar-me do espantinho do filho. E se ela não lhe der uma sova, dou-lha eu que ainda tenho bons braços para o fazer!... Não sei o que se passou na mercearia da Silvéria. Só sei que, daí a uma hora, pouco mais ou menos, aparecia em casa o tio Mateus, muito vermelho, os cabelos em pé e a esfregar um certo sítio, sem dúvida magoado pela biqueira da bota do Jaquim.

Atrás dele, meia dúzia de garotos gritavam, gritavam sem cessar:
 — «Adeus, fiel amigo!... Adeus, fiel amigo!...»



NO DIA DA PRIMEIRA COMUNHÃO

Por CARLOS F. CARVALHO

ZÉ CARLOS, a Zilinha e o Renato,
 Fizeram a primeira Comunhão,
 E os três miúdos, que tão lindos são,
 Em grupo, me mandaram um retrato.

Ao centro, ficou ela, tendo aos lados
 Os irmãos estimados e queridos,
 Que se mostram deveras comovidos,
 Com ar solene, graves, concentrados.

Além de seduzir pela beleza
 Das carinhas gentís,
 Frescas, primaverís,
 O grupo diz, também, muita pureza,
 Inocência, candura,
 Encanto e formosura.

Dos três, os olhos, negros, veludosos,
 Resplandecentes, vivos,
 Suaves, expressivos,
 Espelhos são de corações bondosos,
 Cheios de claridade,
 Meiguice e lealdade.

As mãozinhas seguram, com amor,
 Livro de missa e contas;
 E as bocas estão prontas
 Para ofertar a Deus Nosso Senhor
 De todo o coração,
 Uma doce oração.



Dos seus bons corações nunca mais sai
 A ditosa lembrança dêsse dia,
 Afortunado, cheio de alegria,
 Por terem recebido o Nosso Pai.

Eis a impressão certa, embora breve,
 Que tão lindo retrato bem traduz:
 Amor, Ternura, Candidez e Luz,
 Dons de três almas brancas como a neve,

O PIOR CASTIGO

Por ROSETTE MERCEDES SARAIVA BATARDA

OS três amigos em vão puxavam pela cabeça mas nada, nada lhes ocorria.

Já tinham esgotados todas as brincadeiras, e por isso o Chico repetia a cada momento:

— «Que aborrecimento! Então ninguém inventa nada?!...»

Mas, por mais que pensassem, de coisa alguma se lembravam. E assim se ia passando a tarde tão estupidamente.

Por fim, o Rui, um garoto dos seus dez anos, duma vivacidade extraordinária, constantemente a inventar brincadeiras e travessuras que nem sempre davam bom resultado, triunfante, gritou:

— «Já sei! Já sei! Vamos brincar aos peles-vermelhas!... Querem?! E vamos assaltar os rostos pálidos!...»

— «Quais rostos-pálidos?» — perguntaram, ao mesmo tempo, o Chico e o Eduardo.

— «Os rostos-pálidos são as primas do Chico e a minha irmã que estão no jardim» — replicou o Rui.

— «Apoiado, apoiado, vamos tratar de nos mascarar!»

Imediatamente correram para a capoeira dos perús e, ao cabo dalgumas



mente, os peles-vermelhas! Uma cana a servir de cavalos! e as suas machadinhas de pau, completaram a requinta toilette.

— «Agora, marchemos... e coragem!» — dizia o Chico, tomando ares de grande chefe!

— «Mas esperem — (lembrou o Rui) — temos, primeiro, que pensar no plano do ataque.»

— «Não é difícil, (respondeu o Eduardo, que tinha lido o Texas-Jack,) quando chegarmos ao jardim, deitamo-nos no chão, depois vamos rastejando por trás do buxo, e...»

— «E, (interrompeu o Chico,) quando eu gritar: avançar!... saltamos para fóra e caímos sobre os rostos-pálidos...»

— «Lá estás tu a querer ser o chefe; o Rui é que devia ser, porque foi quem inventou a brincadeira...» — acudiu o Eduardo.

— «Deixa lá, vamos mas é para o jardim.» E lá abalaram numa cavalgada doida. Quando chegaram, seguindo as ordens do grande chefe, foram rastejando a muito custo, arranhando-se aqui, esfolando-se acolá, até que chegaram muito perto do local onde brincavam as meninas. Estas, que eram sete, inconscientes do perigo que as ameaçava, estavam sossegadamente brincando com as suas bonecas e a fazer jantarinhos.

O Chico recomendou, então, em voz muito baixa:

— «Enquanto vocês dominam as outras seis, eu, sózinho, (frisou ele,) raptó a Mimi.»

— «Também não é grande proeza, (troçou o Rui) — ela é tão pequenina... só tem seis anos...»

— «Silêncio; vocês têm que me obedecer, porque eu é que inventei a

brincadeira, (respondeu o vaidoso do Chico, esquecendo que era ao Rui que a deviam) — portanto a mim é que cabem as honras da empresa!»

O Rui e o António sorriram daquela vaidade e cochicharam, entre si, qualquer coisa.

— «Atenção, (continuou o Chico,) vou dar o sinal.

E, repentinamente, levantou-se e berrou em voz de comando:

— «Avançar!...» e avançou tão rapidamente que nem reparou que os não seguiam. As sete meninas, que eram pouco mais ou menos da idade do rapaz, passado o primeiro momento de pasmo, compreendendo as más intenções do Chico, precipitaram-se sobre o pobre grande-chefe e puxão de cabelo daqui, empurrão da colá, depenaram-lhe a cabeça, atiraram-lhe com o que apanhavam à mão, enfim, fizeram-no num frangalho.

Os outros dois riam, a bandeiras despregadas, da triste figura do «grande-chefe» e o Rui, trocista, gritou-lhe:

— «Ai tens as honras da empresa! Estás contente?!»

E bateram em retirada, deixando o pobre Chico entregue à sua triste sorte... Porém, isto não ficou por aqui: — as meninas não contentes com



bicadas e arranhaduras, cada um deles arranhou uma boa porção de penas. Ataram-nas uma a uma, com um cordel que colocaram em roda da cabeça. Agora só faltava a cor vermelha.

— «Mas isso facilmente se arranjava!...» dizia o Eduardo. Fôram-se à cerejeira e, besuntando a cara toda com os deliciosos frutos, ficaram pasmados! Estavam exactamente, exacta-



o castigo infligido ao Chico, foram queixar-se à mamã:

Os três peles-vermelhas receberam uma repreensão mestra. Porém, o pior castigo fôra o do Chico, pela assuada de que fôra vítima, devido à sua grande vaidade.

AS RESOLUÇÕES DO LELO

por CRISTOVÃO RODRIGUES JUNIOR

O Lelo tem perto de 7 anos, mas é um diabrete a quem uma conversa ouvida, sobre carreiras e ofícios, deixou a mania de querer saber para que estaria destinado quando fôsse «grande».

Tem tido várias idéas, que breve deixam o lugar a outras, e o seu porte vai-se modificando conforme prefere esta ou aquela profissão, a ponto de seus irmãos dizerem, ao vê-lo passar das mais desenfreadas correrias ao mais completo sossego: — «O Lelo mudou de ofício!»

Primeiro, ao ouvir o pai contar cenas da

Grande Guerra onde estivera como médico militar, declarou que queria ser «tropa». Nessa época, só se viam, por toda a casa, soldados de chumbo, espadas, capacetes, e um ar de mata-mouras de estarrecer meio mundo; mas, um dia, em que numa «batalha» com os primos um lhe partiu a cabeça, pôs de parte as suas fanfarronadas guerreiras, e passou a ter um porte severo, falando pautadamente, de olhar austero; tentava-o a Medicina, gosto que perdeu só de vê-lo um médico fazer uma ligeira operação na mão da Mãe. Voltou o ar ousado, o prazer do perigo... Sonhava ser aviador. Porque desistiu desta idéia, não se sabe mas, nas férias da Páscoa, passadas na quinta dos avós, a agricultura encantou-o: remexeu a terra, semeou, plantou, e... aborreceu-se em breve, porque teve de regressar a Lisboa sem colher as suas sementeiras... «Aquilo» levava muito tempo a vê-se o resultado.

A irmã mais velha, lembrou-lhe que se fizesse pai de família, escolhesse já noiva, mas o Lelo retorquiu, com um soberbo encolher de ombros: — «Isso é bom para vocês que não pensam noutra coisa» (Como ele descobriu isso, também se não sabe, mas a irmã calou-se.) A última descoberta do garoto foi uma grande tendência para o professorado.

Embora ainda sem a idade apropriada, o pai arranhou-lhe um colégio conhecido que passou a frequentar.

Tudo ia bem mas, um dia, voltou a casa de orelha murcha:

— Já não quero ser professor, Maizinha!

— «Porquê?»

— «Porque... hoje quiz jogar a bola, na aula, e o mestre proibiu-m'o; como eu teimasse, castigou-me e disse: «o que cá se faz cá se paga; quando o menino for professor há-de encontrar alunos que lhe farão o que o menino quer fazer, e então verá». Deus me livre, mamã, dos meus alunos serem como eu hoje fui...»

E o pobre Lelo continua a dar tratos à imaginação, a vê-se consegue escolher carreira que lhe convenha... o que será difícil se assim continua.

— Tenham cuidado, meus amiguinhos, não tomem resoluções precipitadas, pois lhes acontecerá como ao Lelo! —



O TIO SOVINA

por MARIA LUISA MOITA NEVES CONCEIÇÃO

O Joãozinho era um menino muito bonito; tinha boas notas nas suas lições, era muito amigo dos pais, mas... tinha um senão o nosso amigo Joãozinho, que os meninos já vão conhecer.

Todo o dinheiro que lhe davam, guardava-o numa caixa bem fechada, e, por coisa alguma desta vida, o referido dinheiro via a luz do dia. O maior prazer do Joãozinho era fazê-lo tilintar na referida caixinha.

As vezes, ele e a sua irmãzinha Lela projectavam, com seus primos e primas, alguma festa: o baptizado dalguma boneca, um pic-nic, etc.

As respectivas mããs contribuían para as despesas.

Os pequenos reuniam, então, para combinar o que haviam de comprar. O nosso Joãozinho concordava com tudo, mas, mal apanhava o dinheiro que a sua mamã lhe dava, lá, logo, aferrolhá-lo na tal caixinha,

e quando chegava a oportunidade de contribuir com a sua parte, eram tantas as suas hesitações e tal a sua aflicção, que os outros pequenos desistiam de receber o seu dinheiro, com receio que ele morresse de desgosto.

Como vêem, era um aventureirozinho. Por mais que lhe dissessem que é bom ser-se económico mas não em demasia, o Joãozinho fazia ouvidos de mercador e continuava a amearhar.

Por fim, já não lhe queriam dar dinheiro. Para quê? Se ele não o gastava nunca?!... Mas o Joãozinho tanto chorava e afirmava que estava resolvido a empregá-lo que, por fim, lá lho davam.

Contudo, depois de se vê-lo na posse do desejado dinheiro, ao Joãozinho faltava-lhe a coragem de o gastar, e lá ia para a caixinha...

Imaginem que ele nem sequer era capaz de dar uma esmola a um pobrezinho!

Ora ele gostava muito de histórias, e pedia, muitas vezes, à avózinha, que lhe

contasse alguma. Até que uma vez, a avó, querendo que o seu neto perdesse aquele maldito defeito, que tanto o desfeizava, começou a contar-lhe a seguinte história:



A LÓGICA DO CHIQUITO

por MARIA DE JESUS DOS SANTOS

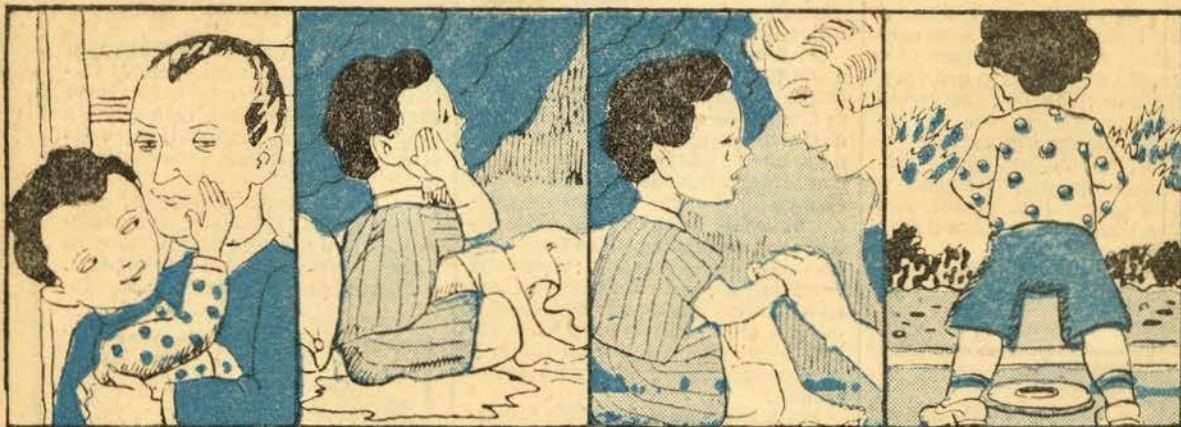
Ao meu pequenino primo Francisco de Paulo Moreira Lopes



Chiquinho Moreira Lopes,
De cara mui prasenteira,
Corre a pedir ao Papá,
(Pois que o Pai tudo lhe dá)
Um fatinho à marinheira.

Carregando a sobancelha,
Diz o Papá ao garoto:
— «Isso não é para si!...
Pois ainda faz «chi-chis» —
Na caminha... seu maroto!»

Bébé cora, faz beicinho,
E o Papá... rindo, afinal,
Diz ao Bébé toleirão:
— «Se não mais fôr porcalhão,
Compro-lhe um, para o Natal.»



Entre beijos e abraços,
Bébé promete não mais
Na cama fazer «chi-chis»,
Pois troca dele a Niní!
— Ele, o enlevo dos Pais!

Contudo, certa manhã,
Bébé acorda a gritar:
— «O' Mamã! mude-me a roupa...
O Chico está numa «sopa»,
Tem-se farto de suar».

Sim senhor! (diz-lhe a Mamã)
Não é mau este suor!...
(Bébé sem pestanejar):
— «Mamã, basta de ralhar...
Ora escute, por favor:

Não diga nada ao Papá...
O Chico não fez por mal!...
Sonhou que estava a fazer,
Mamãzinha, pode crer,
Lá no ralo do quintal!»

«Era uma vez um menino muito bonito,
que gostava muito de juntar dinheiro.
Como o não queria gastar, andava com
uma barba muito crescida, e de fato todo
farto e sujo; não tinha ninguém que o au-
diasse, porque ele não queria pagar
coisa alguma, e tinha sempre medo que o
pobassem. Assim, a sua casa e a sua
rua eram repelentes.
Ele, que fôra tão bonito em menino,
tornou-se muito feio e sujo, e como era
conhecida por todos a sua avaresa, os
vizinhos, quando o viam, diziam entre risos
e troça:

— «Lá vai o Tio Sovina!»
Chegou a velho, e um dia adoeceu gra-
vemente.
Como nunca quiz ninguém em casa,
foi só com a doença; não quiz chamar



o médico e, por fim, morreu; depois de
ter vivido uma vida inteira sem conforto,
e sem carinho, só amando o dinheiro, que
para nada lhe servira.»

O Joãozinho ouviu a história muito
atento, e logo que a avó terminou, beijou-a
muito e exclamou: — «Que bela lição que
a avó me deu com o seu conto! Eu já
volto!» E partiu, correndo, para voltar
em breve, trazendo nas mãos a tal pre-
ciosa caixinha, que continha o seu tes-
ouro. Entregando-a à avó, disse-lhe:
— «Aqui tem, avózinha; distribua o di-
nheiro pelos seus pobrezinhos; de hoje
para o futuro não serei mais avarento,
para não viver como o Tio Sovina!»

F I M

História da Maria Cachucha

Por Maria Candida da Fonseca e Silva

De como, um feriado e uma conferência a um canto da casa, influíram para que esta história se contasse.)

NUM dia feriado, em que não havia colégio, Maria de Lourdes e Maria Manuela — (seis e nove anos consagrados ao culto da brincadeira) — depois de terem lido e comentado a seu modo as histórias engraçadas do *Pim-Pam-Pum*, e de longa e ponderada conferência realizada a um canto da casa, resolveram procurar a avózinha para lhe perguntar se também poderiam escrever um conto para o *Pim-Pam-Pum*.

A avó achou imensa graça à lembrança, e, por sua vez, perguntou-lhes se sabiam algum conto que pudessem interessar os meninos e as meninas que liam o *Pim-Pam-Pum*.

— Que sim, apressou-se a dizer a Maria de Lourdes. A avó que contasse a história da Maria Cachucha, que era muito engraçada e que ela ia escrevendo. No fim, (acrescentou), a avózinha pôe os óculos e emenda o que não estiver bem escrito.

— Depois, tornou logo Maria Manuela, depois, pronto. Metemos o conto num sobrescrito, pomos uma estampilha e mandamo-lo para o *Pim-Pam-Pum*.

E pediram, insistiram, chegaram a chorar, ou fingir que choravam, até



às quintas-feiras, a chegada do *Pim-Pam-Pum*.

E, nesse propósito, começou:
As minhas netas Maria de Lourdes e Maria Manuela, são como tantas outras, umas irmãzinhas muito amigas, beijando-se com frequência, louquejando quando as folgas do colégio o permitem, mas nem sempre, no auge das brincadeiras, as suas mãozinhas confirmam o suave milagre de cariciosas festas nem os seus diálogos traduzem condescendentes transigências dum perfeito acórdio; porém em compensação, deve confessar-se, que nunca abrem graves e demoradas discussões na divisão da fruta e dos bolos, o que já é muito para louvar e mesmo para imitar em casos semelhantes.

Posto isto, vamos à história prometida.

Era uma vez uma rapariga muito pobrezinha que, para maior infortúnio, era órfã de pai e mãe; chamava-se Maria Cachucha.

Vivia numa miserável e tosca barraca que herdara de seus pais, onde, nas noites frias de inverno, fazia lume para se aquecer.

Na barraca, como única mobília e adorno, só tinha a cama — umas táboas sobre dois cavaletes de pinho ordinário — e um velho baú, que devia ter pertencido aos seus longínquos bisavós e no qual guardava as roupinhas que lhe davam.

Maria Cachucha, era tão pobrezinha que nem sequer a triste uma camisa tinha!

E porque era pobre e desgraçada, as mais raparigas riam-se dela e, por escárnio, perguntavam-lhe:

Maria Cachucha
Com quem dormes tu?

Durmo sempre só,
e de corpo nu!

respondia ela na ingenuidade de uma grande inocência.

Pois se até, sabendo que fiava à noite junto do lume — porque Maria Cachucha ganhava a vida a fazer recados e a fiar — lhe cantavam por chacota:

Maria Cachucha
gata borralheira,
passa as noites a fiar
assentada na lareira.

Num dia em que a viram comendo, muito satisfeita, à porta da barraquinha, por coscuvilhice, inquiriram:

— Maria Cachucha
O que comes tu?!
— «Como pão de rala
Com toucinho cru!»

Conformada com a sua sorte, sem ódios nem ressentimentos, Maria Cachucha respondia sempre com uma cândida simplicidade a tudo que lhe perguntavam, por mais maldosas e deprimentes que fossem essas perguntas.

E, afinal, Maria Cachucha, bem olhada e bem apreciada, era muito mais bela e graciosa do que todas as outras raparigas que a escarneciam.

Alguém, por compaixão, vendo Ma-



que a avó, um pouco para animar aquele desejo, aquele anseio nascente de uma ingénua publicidade e, ao mesmo tempo, para conhecer até onde chegaria a persistência de tal lembrança, declarou-lhes que acedia a contar a história da Maria Cachucha, mas que antes, ia apresentá-las como era conveniente para uma boa camaradagem, aos meninos e meninas que, como elas, impacientemente esperam,



ria Cachucha sempre descalça, deu-lhe uns tamancos já usados, mas capazes de aturarem aquele e ainda outro inverno.

E bem necessitava deles Maria Cachucha, que muito sofria por trazer os pés arroxeados e inchados de andarem sempre sobre o gelo.

Certa manhã em que regressava do mato, onde fôra buscar um feixe de lenha para, à noite, se aquecer, en-

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS
Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

Que dizer-vos dêste lindo e pequenino *napperon* tão simples?

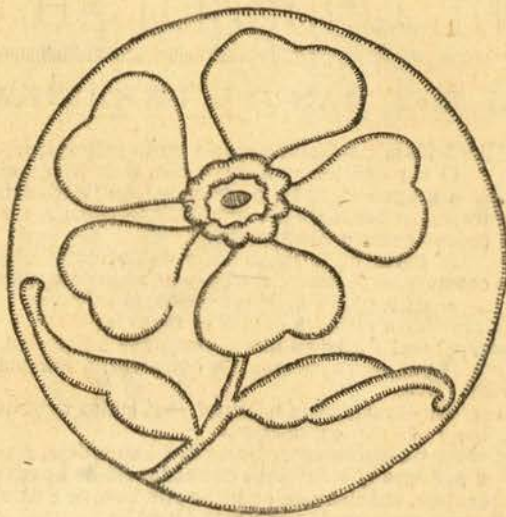
De facto, a sua simplicidade é tal que basta olhar para êle, para facilmente o executarmos.

Contudo, reparai que esta folhinha mimosa tem de ser recortada com um pontinho muito certo, para ficar, realmente, um trabalho bonito.

Vamos, pois, arranjar um bocadinho de linho branco e bordando-o com *filoselle* verde, deitamos mãos a esta pequenina obra que, dentro de pouco tempo, estará por certo concluída com o maior agrado.

A tôdas abraça a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA



CONCURSO dos PALACIOS e MONUMENTOS

Aviso aos concorrentes:

Por absoluta falta de espaço, interrompemos hoje o nosso concurso, prosseguindo a respectiva série no próximo número.

controu, assentado numa pedra do caminho, um homem que parecia muito triste e cansado.

Maria Cachucha logo compadecida, descarregou a lenha e foi saber se êle estava doente.

— «Que não estava doente, apenas cansado e magoado nos pés por se lhe terem estragado as solas dos sapatos, em virtude da longa caminhada que fizera a pé.

E como notasse o interesse da rapariga, continuou, desabafando as suas mágoas:

— «E que eu desejava ir ao encontro do meu filho que regressa da América, onde esteve bastante anos.

Deve chegar amanhã, e, como sou pobre, não pude comprar sapatos novos, nem vir no comboio, e, mesmo com êstes já velhos, aventurei-me ao caminho, confiado na ajuda de Deus.

Mas já vejo que não chegarei a tempo, porque só muito vagarosamente poderei caminhar, por ter os pés feridos e os sapatos quasi sem solas.»

E começou a chorar como uma criança.

— «Olhe, meu senhor, por falta de calçado não se amofine, disse Maria Cachucha, muito comovida e com as lágrimas a marejarem-lhe os olhos, eu dou-lhe os meus tamancos que resistem ainda bastante.

E sem mais esperar, descalçou os tamancos, pôs o feixe de lenha à cabeça e deitou-se a correr, dizendo alegremente:

— «Vá, vá, esperar o seu filho, meu senhor, que a Maria Cachucha não lhe faz falta os tamancos, por estar habituada a andar descalça.»

.....
Um mês, se tanto, depois de Maria Cachucha ter dado os seus tamancos, parou-lhe à porta da barraca um automóvel donde se apiaram dois sujeitos.

Um terço os seus cinquenta e tal anos de idade e o outro talvez nem trinta.

Sem mesmo pedirem licença, entraram e saudaram Maria Cachucha, que fiava de roca à cintura e fuso entre os dedos.

— «Menina, disse o mais velho, eu sou o indivíduo a quem deu os seus tamancos, e este é o meu filho que eu ia esperar; devido à sua boa acção, pôde chegar a tempo de o abraçar, logo que desembarcou.

Ainda bem que fiquei sabendo o seu nome, que a menina, inocentemente, disse, sem calcular que era mais um benefício que me fazia, por simplificar as investigações que teria de realizar para conhecer a sua residência.

Logo à primeira pessoa a quem me dirigi, quando cheguei aqui, me indicou a sua casa, e tôdas as outras a quem pedi informações a seu respeito, me disseram que a menina era muito pobre mas vivia honestamente do seu trabalho, sem que a bisbilhotice da terra tivesse motivo para abocanhar a sua reputação.

Ora meu filho veio rico, mesmo muito rico da América.

Não quiz consorciar-se lá, só pensando em voltar para a sua aldeia, e então escolher uma companheira, rica por suas virtudes, que não pelos seus teres, dos quais êle não necessitava.

Contei-lhe o que se tinha passado com a menina, e logo que as circuns-

tâncias o permitiram, dirigimo-nos a esta terra, eu para lhe agradecer e pagar os seus tamancos, e meu filho para a saudar, pois mostrou logo muito desejo de a conhecer.»

— «Meu pai, declarou o filho, não procurarei mais; se meu pai me der licença, e esta menina consentir, eu desde já lhe afirmo que não casarei com outra pessoa, a não ser com ela.»

Maria Cachucha, num atordoamento de inconsciência, e sem bem saber o que sentia naquele deslumbramento de felicidade inesperada, entrou numa grande convulsão de choro.

Apressemos o desfecho da história da Maria Cachucha, que, naturalmente, é desejado com impaciência.

Maria Cachucha não queria ao princípio abandonar a sua barraquinha, mas, depois de muito instada, sempre acedeu, em vista de ser tão simpático e bem falante aquele rapaz...

Além de que, afirmaram-lhe, iam construir um lindo prédio junto da barraca, o qual teria, com ela, comunicação interior.

E logo que o prédio se concluiu, casaram, e Maria Cachucha passou a ser a sr.^a D. Maria do Espírito Santo que era o apelido do marido.

Apesar de rica e muito feliz, nunca conheceu o orgulho nem conservou reservas às pessoas que, noutro tempo, tanto a tinham depreciado.

Fazia muito bem aos pobres e todos os dias ia, comovidamente, visitar a sua barraquinha, a sua cama e o seu baú, e quem sabe — a natureza humana é tão singularmente caprichosa — se por vezes não teria uma pontinha de saudade dos seus tempos de Maria Cachucha.

O QUE SUCEDEU AO CHICO

Por MANUEL FERREIRA



ESTAVA linda a floresta naquela tarde primaveril. O sol acariciava a terra com o calor dos seus raios. Corria uma aragem ligeira e perfumada. As flores estavam lindas, quer fôssem soberbas e de alta estirpe como a rosa, quer simples e pobres como o rosmaninho.

A porta do formigueiro, o doutor Sapo, que ali fôra visitar a comadre, tagarelava, esfregando as patinhas, alegremente:

— «É verdade, vizinha! Então, já sabe que o meu criado Mosquito anda a revoltar a bicharia contra os rapazes?»

— «Credo, cruces! Deixe-se disso — suplicou a Formiga, aterrada. — Olhe que, por causa dessa guerra, morreu, da outra vez, o compadre Melro que era tão boa avezinha...»

— «Lá isso era — respondeu o doutor. — E muito versado em agricultura. Nunca se esquecia do tempo das frutas. As cerejas, essas não lhe escapavam.»

— «Mas, o doutor quer saber quem é, cá na aldeia, o patife que mais prejudica os bichos? É o Chico...»

— «Pois é por êsse que devemos começar. Há-de apanhar uma lição... Vou já convocar a assembléa da bicharia.»

No dia seguinte, reuniram-se os bichos do bosque e da aldeia.

Todos fizeram reclamações contra o Chico.

A formiga queixava-se de êle lhes partir as perninhas, estragar os carreiros, destruir as tocas e as larvas. A abelha protestava, em altos zumbidos, por o Chico lhe destruir os cortiços. A lagartixa citava benefícios e levava o rabinho entrapado, ferido por uma pedra arremessada pelo rapaz. Os pássaros diziam que papavam os insectos nocivos. E, por maldade, o maroto do Chico apanhava os pardais e fazia-lhes o que esqueceram ao demónio.

Foi resolvido transformarem o Chico, durante algum tempo, em animal.

Encarregou-se dêsse feitiço, o Môcho, o célebre bruxo da floresta, que também tinha razões de queixa contra o malvado garoto.

Feito num burro lazarento e velho, o Chico caminhava, a chouto curto, pela estrada. Um rapazelho batia-lhe, com fúria:

— «Arre, burro!»

O infeliz sofria, sofria. Mas quê? O Mosquito, criado do doutor Sapo, zumbia:

— «Estás castigado, menino malvado...»

Dias depois, Chico era transformado num cão, muito meigo. Mas o filho do seu dono, garoto muito cruel, batia-lhe e tirava-lhe a paparoca. E o Mosquito lá vinha, zombeteiro:

— «Anda, malvado e mal educado...»



O que o Chico sofria!

Tempos após, estava feito num pássaro. Metido numa gaiola, vendo a paisagem pelas grades da prisão, batia com o bico, até sangrar, nas portas do seu cárcere.

E nada!

Junto dele, o Mosquito observava:

— «É para teres tino, garoto rabino...»

Já tinha penado muito. E, num belo dia, o Môcho, bruxo da floresta, restituiu o Chico à forma humana.

Santa lição! Depois disso, nunca o rapaz fez mal aos animís.

Conhecia, por experiência própria, o quanto êles sofrem com as crueldades dos meninos maus e rabinos.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■